

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre 500 réis
Com estampilha 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio
avulso 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Chrispim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. 60 rs. cada linha
Anuncios e comunicados. 50 »
Repetições 25 »
Anuncios permanentes, contracto especial
25 p c. de abatimento aos snrs. assignantes

A SEGUNDA CAMARA

Entre nós não é a grande propriedade, não são os grandes capitães, que unicamente servem de base á nomeação dos pares do reino; não se attende ao espirito conservador, ou ás condições que o presumem.

O attribuir-se a uma das camaras a indole conservadora, e á outra a indole progressista, não ha razão plausivel, que o justifique. Na sua essencia não podem ser contradictorias.

Entre nós misturam-se hoje em cada uma d'ellas os representantes de todas as classes, de todos os partidos; nenhum d'estes se oppõe ás reformas, a não ser em momentos de opposição acintosa; os nossos estadistas de todas as côres, entre outras, propozeram a abolição dos vinculos, e novas fórmas electoraes cada vez mais extensivas do direito do voto.

Quasi por egual figuram nas duas camaras os grandes proprietarios e os grandes capitalistas e d'estes não se formava ou se fazia exclusivamente a camara alta.

Uma representação distincta para as duas classes, uma que deseja o *statu quo* das instituições, e outra que aspira ás reformas, é uma supposição incapaz de realisar-se, e quando o não fosse, embora tenha por si o alvitre de Guisot, não passa de um erro gravissimo, e de um contrasenso.

Por esse modo, isto é, por duas camaras de indole opposta, querer evitar que uma classe domine a outra, e a sacrifique aos seus egoismos e ambições, é reconhecer o seu antagonismo e intransigencia, era t'aduzil-os nas fórmas politicas, e dar-lhes órgãos legaes, dividindo o poder legislativo em dous membros adversos e incompativeis.

Não são pois os interesses das classes elevadas, que pela instituição da segunda camara se pretende defender e salvar contra as classes inferiores.

Seguir-se-ia d'ahi que todas as reformas ou medidas tendentes a alterar as relações entre ellas, estavam de ante-mão condemnadas. Assim pois não se pôde nem se deve attribuir á segunda camara uma indole meramente conservadora.

Quando as medidas dos governos se referem particularmente a uma, nunca deve ser para lhe garantir os seus interesses exclusivos, mas para lhe concederem o que pela justiça social lhe é devido.

Os interesses e aspirações de todos são divergentes, mas na organização dos poderes, na fórma das instituições, não deve attende-se a esse antagonismo como a um principio constitutivo.

N'um systema liberal, o fim das instituições politicas, é pelo contrario do nar esse antagonismo, e modificar quanto e como seja conveniente as relações sociaes, de modo que se vão aproximando d'esse ideal de justiça, de que tem sede a nossa época.

II

O que deve pois representar a segunda camara?

Mais independencia dos governos e das facções, as especialidades, a pratica dos negocios publicos, e portanto mais tino, desassombro e cordura em avaliar as leis e as medidas governativas.

Demais uma só camara torna-se despotica, e convem que todos os poderes se dividam e contrabalancem.

A camara dos pares, tal como é, não satisfaz ao seu fim principal, a que todas as illustrações, as maiores capacidades se achem n'ella representadas.

Uma segunda camara, onde se faça entrar um grande numero de talentos especiaes, vinha dar a verdadeira expressão, o verdadeiro espirito á soberania popular: a razão social, onde reside a legitima soberania, tem por órgãos mais ou menos perfectos as duas camaras; onde se representam e discutem todas as opiniões; e por isso é que o voto não pôde ser imperativo; e ainda que a liberdade do representante deva em parte ser limitada pela doutrina discutida e acceite nos circulos e nos gremios politicos, não o pôde ser tanto, que fiquem tolhidas as modificações, as transações com as doutrinas diversas ou contrarias.

III

Todas as classes, profissões, todos os grandes corpos do estado devem entrar na composição de camara alta, mas não os bispos pela sua qualidade e posição sacerdotal.

Enos synodos e nos concilios que aproveitam as suas luzes: se estão ali em virtude das relações da igreja com o estado, nada concernente a estas se pôde considerar materia canonica na qual sejam precisos os seus conhecimentos especiaes.

E nem o ensino nem assumpto algum religioso depende das resoluções das assembleias politicas.

Portanto não ha razão para que se lhe conceda o pariato. Se a houvesse deviam egualmente entrar na camara baixa.

Como cidadãos tem o direito de serem escolhidos ou eleitos como outros quaesquer, porque não deixam de o ser como padres: mas não como representantes do elemento religioso: nada os favorece o ser este um dos elementos da sociedade portugueza; o elemento religioso não tem uma representação distincta, como não a tem nenhum outro elemento, não o tem a moral, não o tem a justiça.

A lei não dá uma representação propria a cada um dos elementos sociaes.

O fim de decreto que uniu o pariato á prelatura não foi esse, foi conciliar o clero com o systema liberal, a que sempre se mostrou adverso.

Lemos n'um jornal o seguinte:

«A maioria dos novos pares não sairão dos partidos militantes e serão escolhidos entre varias entidades que pelos seus relevantes serviços ao paiz pelas letras, pelas sciencias, pelas artes e pelas armas mereçam da corôa tão elevada distincção.»

Sendo assim, como ha pouco tempo enviamos ao Sr. Franco o n.º 2 da *Revista Nacional* pedindo a fineza da leitura do artigo,

que acima reproduzimos, o sr presidente do conselho nos accusou e agradeceu a remessa, ousamos crer, que as nossas reflexões não foram estranhas ao novo projecto sobre a reforma da Camara dos Pares.

(Continuaremos)

Lawrence d'Almeida e Medeiros.

O DIA 2 DE JANEIRO

A's 8 horas da manhã começa a evolução das forças, que tinham chegado de vespera.

Nos Paços do Concelho, uma força d'infanteria 18 composta de 25 praças sob o commando d'um tenente, de bayoneta calada, impediu a entrada do povo no edificio pelas tres portas centraes.

A auxiliar a infantaria estava dentro do edificio um troço de 12 policias.

As portas que davam entrada para a conservatoria e repartição de fazenda tinham sido, durante a noite, trancadas pela auctoridade administrativa.

Na rua, e em frente aos Paços do Concelho, uma força de cavallaria 7 composta de 10 praças sob o commando d'um sargento com o fim de, auxiliada pelas mais forças, impedir que o povo se aproximasse da casa da Camara.

A's 9 horas passa no Largo da Praça o primeiro grupo da opposição que chegou no comboio, vindo das tres freguezias do norte, em numero approximado de 300 pessoas, que se dirigiu para casa do sr. dr. Soares Pinto, chefe do partido progressista e presidente da camara cessante.

Logo se reforçou a guarda militar dos Paços do Concelho e são dadas repetidas ordens aos commandantes das diversas forças.

Pouco depois passa novo grupo composto de gente de Cimo de Villa, Cabanões, S. João logares limitrophes em numero approximado de 400 pessoas, á frente das quaes ia o sr. Padre Maia, dirigindo-se tambem a casa do sr. dr. Soares Pinto.

Na rectaguarda d'este segue o mesmo rumo o povo do logar do Sobral sob a direcção dos srs. José Travessa e João da Julia.

A's 10 horas chega ao Largo da Praça o sr. dr. Soares Pinto acompanhado dos seus amigos, que se lhe tinham ido apresentar a sua casa.

Ahi, com pequenos intervallos, chegou o povo da freguezia de Vallega sob a direcção do sr. Reis, visto o sr. Veiga, chefe local, não poder comparecer por virtude de serviço publico, e tambem o povo de Guilhovae e Saude sob a direcção dos snrs. Antonio Sebe e Joaquim Amaral.

A esta enorme mole de gente junta-se o povo da freguezia de Ovar entre o qual o pessoal de trez campanhas de pesca de que são arraes e senhorios os snrs. João Polonia, Francisco Coelho e Joaquim Valente.

E' uma multidão cerca de 2:000 pessoas.

O partido regenerador teve uma representação muito insignificante devido não só á falta de convites, mas tambem á crise porque tem passado ultimamente.

Estão sem chefe, e da commissão executiva apenas existe um membro, e para remediar estes males reúnem-se hoje em assembleia geral.

Nos Paços do concelho só é permitida a entrada as pessoas da grey franquista, e como as tropas e a policia não sabem distinguir, para evitar a entrada occulta da hydra e dar as indicações precisas, lá está ás portas uma trindade, todos da mesma estatura physica—o Catramillo, o Serrafila, regedor, e o Affonso, vice-presidente da camara.

Este tinha uma pallidez de côr dubio, pois, segundo nos dizem, tambem vae assistir á reunião dos seus antigos correligionarios, os regeneradores.

As 11 horas e meia chega mais uma força de 10 praças de cavallaria da guarda Municipal do Porto sob o commando d'um sargento.

Está o Largo da Praça em perfeito estado de sitio.

Ninguém percebeu a entrada dos taes vogaes da commissão, mas só depois da chegada da municipal, é que se ouviram marteladas dentro do edificio.

Tratava-se de arrombar as portas, que davam entrada para a camara, pois as chaves, segundo nos dizem, estavam em poder do sr. Presidente do Municipio, que não as entregou, nem tão pouco foi abrir as portas por não lhe permittem a entrada e aos seus amigos.

O arrombamento d'uma porta mal segura levou perto d'uma hora, porque o pobre do artista, a quem encarregaram do serviço, tremia não dando pancadas certas receioso do castigo, de que podesse vir a ser victima.

Arrombada a porta, entra a tal commissão, á frente de quem ia o ex-vice-presidente da camara, o tal *caitano* que pelo nome não perca e com quem hoje não podemos perder tempo.

Os homens depois de examinar bem as cadeiras, sentaram-se não sem algum receio.

Não sabiam o que haviam de fazer, mas, como tinham mentores, lá fizeram qualquer cousa, porque se sentia um cheiro cá fóra.

Que lhes preste muito bem. Dentro da camara, além dos da commissão, estavam umas doze pessoas.

E não foi mais gente, porque a attitudão do povo d'Ovar foi digna e nobre, mostrando com toda a evidencia que tem nojo por quem o expoliou das regalias de eleger os administradores dos bens que lhe pertencem e por quem acompanha os expoliadores.

A' 1 hora e meia vê-se sahir dois dos da commissão, um por cada porta, fugindo um por cada lado, como que escorraçados e envergonhados, se isso é possivel, do acto que haviam praticando.

E então essa enorme massa de povo que cercava os Paços do concelho, e que, com uma persistencia de protesto activo se conservou na rua, apesar da chuva constante que sempre cahiu, rompeu em entusiasticos vivas á liberdade, ao partido progressista e ao sr. dr. Soares Pinto.

A municipal, que é bem conhecida, procurou abafar os justos protestos por meio de correrias estupidas, recebendo algumas pe-

dradas, e o seu procedimento seria castigado severamente, se não fosse a muita prudencia dos chefes do partido progressista, que se oppu eram firmemente, a que alguns dos seus correligionarios se armassem de espingardas e outras armas de fogo para repellar a brutalidade de violencias tão escusadas.

Serenados os animos, e entrando a municipal na ordem, começou a debandada dos protestantes, acompanhando estes na sua quasi totalidade o sr. dr. Soares Pinto e seu ex.º Pae, até casa, que é muito proximo do Largo da Praça, onde foram repetidos, com o mesmo entusiasmo, os vivas já feitos.

Ficou, porém, um pequeno grupo em casa do nosso amigo o sr. Augusto Pinho, que continuou a soltar vivas.

A policia que até ahi não tinha tido a coragem de sahir para fóra da casa da camara, pois o medo era grande, depois que viu pouca gente quiz mostrar a sua valentia e, junta com a cavallaria da municipal quiz invadir a casa d'aquelle nosso amigo, porém tiveram de recuar em face da attitude d'alguns, que muito peremptoriamente os intimaram a não entrar, sob pena de serem atacados a tiro.

E a municipal e a policia recuou, porque tiveram a felicidade de ouvir fallar em azeite a ferver, que decreto não seria destinado a fritar peixe.

A's tres horas da tarde recolheram as tropas a quartéis, e a cavallaria e municipal foi perseguida, durante 300 metros, por um grupo de rapazes, que os assobiou valentemente.

Os vogaes da commissão municipal, nunca mais appareceram na rua, depois que sahiram da camara; e o presidente o C. do *Caitano*, só retirou de noute para Vallega, em carro fechado (em *char-à-bancs*) e acompanhado de seis policias.

O que é a tranquillidade da consciencial...

MOVIMENTO OPERARIO EM PORTUGAL

A lucta economica

I

Associações operarias

E' em meados do seculo XIX que em Portugal começa a desenvolver-se o operariado, tomada a expressão num sentido restricto e designando mais uma classe de certo modo unida e organizada do que uma determinada categoria de individuos disseminados, sem uma comprehendida relação de interesses que os ligue, mas tendo caracteres communs e assim abstractamente formando grupo em face do classificador. Não havia até então operariado havia operarios. E da mesma fórma que inda hoje não podemos abranger com aquelle termo os trabalhadores dos nossos campos com o rigor com que o fariamos, se assim designassemos os trabalhadores ruraes da Russia, não devemos considerar o

operariado portuguez senão desde pouco mais ou menos de 1838.

Se nos collocassemos no seguimento dos dois pontos de vista em que acima indicamos se poderia tomar esta expressão, teríamos de remontar o nosso estudo ao proprio momento em que acaba a servidão em Portugal. Poderíamos mesmo ir mais além, porque para nós a diferença entre o operario de hoje e o escravo não é tam radical como em geral parece, desde que o encaremos sob o aspecto da sua situação economica. Tudo isso porém resultaria sem interesse para o fim que temos em vista: porque na verdade o operariado, cujo movimento deva registrar-se, só o encontramos de 1838 para cá.

Em 1840 fundaram-se algumas associações de soccorros mutuos, onde os operarios procuravam em certo modo precaver-se contra as eventualidades da sua existencia desprotegida, sempre á mercê da exploração torpe do capital. No mesmo movimento de philantropia e ainda sem uma rasgada orientação de revolucionario, surge um pouco mais tarde Francisco Maria de Souza Brandão, que foi o primeiro homem que em Portugal prestou um decidido apoio de propaganda e de acção ao associacionismo operario. Contribuiu para a fundação de muitas associações de soccorros mutuos, cooperativas de consumo, de produção e bancos e populares e redigiu com Lopes de Mendonça e mais tarde também com Vieira da Silva *O Eco dos Operarios*.

D'este jornal, publicado em 1850 e que foi o primeiro periodico operario, nasceu a Associação Operaria.

Em face dos estatutos publicados no *Eco dos Operarios* vê-se que esta associação tinha por fim fundar um banco, um conservatorio e uma bibliotheca, e organizar um monte-pio, uma secção de agencia para adquirir o material necessario para a produção industrial e uma commissão para resolver as questões de interesse industrial.

Com quanto esta associação não tenha tido um grande desenvolvimento e antes não tinha sido mais do que um ensaio, na opinião de Goodolphim, o que é certo é que, attentas as circumstancias da época e as enormes difficuldades que era preciso vencer para crear uma d'essas instituições operarias, já pela relutancia dos patrones, já pelo vicio inveterado do operario em preferir agremiar-se nas irmandades, — a Associação Operaria marca uma nova phase no movimento de organização, apenas vagamente esboçada na Sociedade dos Artistas Lisbonenses. Ha agora uma maior firmeza, um proposito mais decidido de formar um nucleo, se não de resistencia ao patronato, pelo menos de ampla protecção aos operarios. Ha sobretudo o que faltára ao principio, homens de certo merecimento, habilitados a fazer a vulgarização das vantagens do systema associativo, creando um jornal a isso destinado exclusivamente, realizando conferencias elucidativas, fazendo derivar com intelligencia a corrente operaria um sentido mais independente e livre.

Pouco tempo depois creava-se o Centro promotor dos melhoramentos das classes laboriosas. A primeira reunião que se realizou para promover a sua fundação fez-se na Associação dos alfaiates e a segunda na Sociedade dos Artistas Lisbonenses em 1852.

O centro promotor teve um importante papel no desenvolvimento da associação operaria em Portugal, e a elle se deve em grande parte, como terei occasião de referir em outro lugar, a organização em partido do proletariado portuguez.

Entre outros trabalhos, conseguiu reunir em 1866 o chamado Congresso Social, em que foram propostas varias questões economicas das associações. Além do Centro interessou-se vivamente pela organização das sociedades cooperativas, discutindo este assumpto e chegando a elaborar um projecto de estatutos que foram distribuidos em folheto pela classe operaria.

Tendo também em vista a ins-

trucção do operario, o Centro inaugura em 14 de janeiro de 1871 a sua bibliotheca, formada com livros offerecidos pelo governo e por muitos dos homens que n'esse tempo começavam a interessar-se pela causa operaria.

«Para se considerar a importancia que chegou a alcançar o Centro promotor — diz Goodolphim — basta lembrar que o governo o considerava como o centro das associações operarias; assim vemos o sr. Antonio José d'Avilla (hoje marquez) pedir em 1863 ao centro para que este lhe fornecesse a relação das associações existentes no paiz, para incorporar no relatorio que foi apresentado no congresso de Berlin.

«Ao centro dirigiu também o ministro do reino uma portaria para convidar as associações a assistirem á inauguração do monumento a Camões.

«Nas pendencias que se levantavam no seio das associações era convidado o Centro a ser o juiz».

E realmente o Centro promotor, sendo por esse tempo a associação operaria de maior destaque que era também aquella que um empenho tinha posto ao serviço do operariado portuguez. D'ahi lhe vinha a grande importancia em que foi sempre tido, sendo pelos operarios considerado uma como que direcção central d'onde irradiava para as outras associações a orientação de quasi todos os empreendimentos que as classes associadas poderam levar a cabo.

Com a historia do Centro promotor prende-se intimamente o desenvolvimento das cooperativas em Portugal. Foi nessa associação que estas instituições tiveram uma propaganda mais persistente, sobressahindo entre os adeptos mais entusiastas do cooperativismo José Fontana e Sousa Brandão.

Não era porém até então completamente desconhecida no paiz esta forma de sociedade. Bem pelo contrario, é uma das nossas instituições mais antigas, sendo até secular. Sam um exemplo de cooperativismo os compromissos marítimos. E, como nota Goodolphim, a ideia das cooperativas encontra-se «ainda em toda a sua pureza nas aldeias mais afastadas das provincias do norte, principalmente em Traz-os-Montes».

«Nestas aldeias encontra-se um systema pratico de cooperação. Possuindo cada um o seu bocado de terra d'onde tiram o indispensavel para viver, não têm d'neiro para satisfazer salarios, quando os trabalhos agricolas precisam de braços. Reunem-se então os individuos da localidade e trabalham uns dias numa terra, depois noutra e assim successivamente completam a sua faina. Em cada propriedade em que termina a labutação, o dono tem por dever recompensar os seus cooperadores com um jantar em que todos alegremente se banqueteam. E assim, por esta fórma, o trabalho em commum substitue o dinheiro».

Outra fórma de cooperação no trabalho é a do fabrico da telha. Usa-se principalmente no Minho e Douro. Para o formação d'uma d'essas cooperativas basta um pequeno numero de individuos e o capital sufficiente para comprar um bocado de barro e alugar uma tira de terra onde possa construir-se um forno e uma cabana de abrigo. Vencidas estas pequenas difficuldades, começa o trabalho, e, desde que está fabricada a telha cuja venda é certa, é dividida entre os socios cooperadores e dissolvida a sociedade.

Porém todos estes grupos cooperativos têm uma existencia ephemera e surgem intuitivamente, sem a comprehensão do seu valor, não podendo assim ser considerados como verdadeiras sociedades cooperativas. Representam apenas a ideia tradicional do cooperativismo.

As primeiras cooperativas, com forma scientifica, sam as promovidas pelo Centro. Foi nesta sociedade que o principio cooperativista se discutiu largamente e se lançaram os primeiros trabalhos para que entre nós começasse de ser posto em pratica. Em 1866 despertado pelo movimento de pro-

paganda que vinha sendo feito, o governo regulariza por lei de 2 de julho a organização das cooperativas e concede-lhes a isenção do imposto do sello e ainda de qualquer contribuição nos lucros alcançados. E de 1871 em diante, apesar das classes populares, pela sua muita ignorancia, mal comprehendem ainda a utilidade d'ossas instituições, toma em Portugal um certo impulsso o cooperativismo.

Fundaram-se então em Lisboa as seguintes sociedades cooperativas:

De consumo — Sociedade de Consumo Alliança Popular (1871), Sociedade de consumo Alliança Xabreguense (1871), Sociedade de consumo Progresso Popular (1872), Sociedade de consumo Economia Social (1872), Sociedade de consumo 1.º de Dezembro (1873).

De produção — Fabricantes de tecidos colchoeiros (1873) Serra lheiros Industrial Social (1873), Chapeleiros fulistas (1875).

Em Oeiras também se organizou uma sociedade cooperativa de consumo com o titulo 19 de Dezembro. E em Cintra a Sociedade Cooperativa D Fernando II.

Por esse tempo fundou-se a Associação dos trabalhadores na região portugueza. Resultou da fusão das seguintes associações: de Trabalho nacional fundada em 1871. de Fraternidade operaria, Fraternidade agricola, Fraternal dos trabalhadores, Associação de todas as classes trabalhadoras, Fraternal barreirense e Fraternidade operaria do Porto, fundadas em 1872.

Estas associações tinham por fim organização do trabalho num sentido mais harmonico com os interesses dos operarios. D'entre ellas merece especialização a Associação protectora do trabalho nacional, que foi a primeira associação de resistencia fundada em Lisboa.

O fim da Associação dos trabalhadores na região portugueza era a regularização do tempo e condições do trabalho, o salario, as relações com os possuidores dos instrumentos de produção. Além d'isso deveria instituir escolas e bibliothecas, desenvolver cooperação e o credito. A organização do trabalho deveria fundar-se na solidariedade social.

Mais ou menos o movimento cooperativista tem continuado até hoje. Sam rarissimas porém as cooperativas que, mesmo fundadas no meio dos maiores entusiasmados, não sossobram pelas grandes difficuldades economicas

Campos Lima.

AQUELLA NOITE!

Era a noite da loucura,
Da seducção, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glorias esconder.
Os felizes... e ai! são tantos!...
— Eu por tantos os contava!
Eu que o signal de meus prantos
Do afflicto rosto lavava —
Os felizes presumçozos
Iam nos coches ruidosos
Correndo aos salões doirados
De mil fogos alumizados,
D'onde em torrentes sahia
A clamorosa harmonia
Que á festa, ao prazer tangia

Eu sentia esse ruido
Como o confuso bramar
De um mar ao longe movido
Que á praia vem rebentar:
E disse commigo: — «Vamos»
Os luctos d'alma dispamos,
A festa heide ir também eu!

E fui e a noite era bella,
Mas não vi a minha estrélla
Que eu sempre via no ceu:
Cubria-a de espesso véo
Alguma nuvem a ella,
Ou era que já vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?

Fui; meu rosto macerado,
A funda melancholia
Que todo o meu ser revia,
Qual o athaude levado

A egypcio festin, dizia:
— «Como vós fui eu também;
Folgae, que a morte ali vem!
Dizia-o, sim, meu semblante,
Que, onde eu chegava, o prazer
Cessava no mesmo instante;
E o labio, que ia a dizer
Doçuras de amor, gelava;
E o riso, que ia a nascer
Na face linda, expirava.
Era eu — e a morte em mim,
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas
Ebrias de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhe os beijos
Da bócca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a ellas...
Para logo a fronte esquivava
De recatos se envolvia
E, toda pudor, tremia.

E a isto chamam prazer!
A grande ventura é esta?
Vale a pena vir á festa.
E vale a pena viver.
Como então quiz á tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — e a frente
Desanuviar-se contente
Do feio negrume espesso
Que assustava aquella gente.
Logo os sorrisos cahiam
Para o meu lado também;
Já como um dos seus me viam,
Que em mim não viam ninguém.
Eu, de olhos desencantados,
A ellas, como as eu via!
Meus entusiasmados passados,
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia
De meus labios descorados,
De mim dó e sem poder
A todas fallei de amor...
De amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espadua nua se accende...
Amor lascivo que offende,
Que faz corar... Ellas riam
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alto:
— «Festa, festa e salta, saltal,
Os seus guizos delirantes

Saccode louca a Folia...
Adeus, requebros de amante!
Suspiros, quem n'os ouvia?
As palavras meias ditas,
Meias nos olhos escriptas,
Voavam todas perdidas
Dispersa, rotas no ar;
Que se foram almas, vidas,
Tudo se foi a walsar.

Quem é ésta que mais voltas
Gyra, gyra sem sessar?
Como as roupas leves, sóltas,
Aerias leva a ondular
Em tórno á fórma graciosa,
Tam flexivel, tam airosa,
Tam fina! — Agora parou,
E tranquilla se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o perfil;
E a cabeça, tam gentil,
Como se fóra déveras
A rainha d'essa gente,
Como a levanta insolente!

Bem me parece a que eu via
A's vezes a uma janella,
Em vago, triste scismar,
Não é outra senão ella...

A mesma melancholia
Nos olhos tristes — de luz
Obliqua, viva mas fria;
A mesma alta intelligencia
Que da face lhe trasluz;
E a mesma altiva impaciencia
Que de tudo, tudo cança,
De tudo o que foi, que é
E na er na vida só vê
O raio da vaga espraça.

Já vinha pallida aurora
Annunciando a manhan fria,
E eu fallava e eu ouvia
O que até aquella hora
Nunca disse, nunca ouvi...
Toda a memoria perdi
Das palavras proferidas...
Não eram d'estas s:idas,
Nem quaes eram não n'o sei...
Sei que a vida era outra em mim,
Que era outro ser o meu ser
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi? — D'ahi, a historia
Não deixou outra memoria
D'essa noite de loucura,

De seducção, de prazer...
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

Garrett

NOTICIARIO

TEMPO

Por mal dos nossos peccados
tem feito, faz e parece-nos que
ha-de continuar a fazer o que se
chama — *Um tempo dos demonios...*

Ora umas *consoadas d'estas*, é
c'um tempo d'estes, n'uma terra
d'estas, é uma d'estas *buchas* que
não se pode engulir, nem á força
de muito vinho!...

Esperavamos que o *anno novo*
entrasse com melurias, todo ama-
bilidades, mas... oh diacho!...
entrou com cara de poucos ami-
gos, e resolvido a reduzir tudo a
pó, terra, cinza e nada!...

Com a bréca!...
Anda fumo no ar; um fumo
como que nevoeiro, ou cousa que
o valha, o que, segundo os anti-
gos, é prenuncio de nortada.

Oh meninos!... depois de
molhados durante trez mezes, é
bem entendido que venha uma
nortada forte, para nos enxugar a
pelle, pois que o sol, no inverno,
não tem mesmo *piada* nenhuma.

Agora vamos ás «*Boas-Festas*»:
— Só recebemos um cartão,
mas não dizemos de quem, um
cartão todo caíta, em que nos
dava as «*Bóas-Festas*», e, no
mesmo cartão, escripto a tinta —
«*Um anno felix é que desejo*».

Agradecemos do coração e de-
sejamos-lhe, assim como para nós
um anno muito mais que feliz.

Assim o esperamos e oxalá
que assim seja, pois nós cá está-
mos sempre esperando essa...
felicidade.

PESCA

Continua a não haver trabalho
de pesca, na costa do Furadouro,
em razão do estado de agitação
do mar, não o permitir.

No dia 9 faz a lua — «*Quarto
crescente*».

Vamos a vêr o que ella nos faz
crescer...

Conde d'Agueda

Fez annos, no dia 2 do corrente,
o Ex.^{mo} Snr. Conde d'Agueda, nobre
e prestigioso chefe do partido
progressista, n'este districto.

A Sua Ex.^a endereçamos o nos-
so cartão de sinceras e cordeas
felicitações.

EMIGRAÇÃO

Pelo governo civil de Aveiro
foram concedidos durante o mez
de setembro ultimo passaportes
a 332 emigrantes 286 varões e
46 femeas, destinando-se aos Es-
tados Unidos do Brazil. Pertenciam
33 ao concelho de Agueda
14 ao de Albergaria, 19 ao de
Anadia, 15 ao de Arouca, 11 ao
de Aveiro, 7 ao de Castello de
Paiva, 6 ao de Espinho, 44 ao
de Estarreja, 42 ao da Feira, 5
ao de Ilhavo, 23 ao de Macieira
de Cambra, 6 ao da Mealhada, 25
ao de Oliveira d'Azemeis, 4 ao de
Oliveira do Bairro, 57 ao de Ovar,
9 ao de Sever do Vouga, 12 ao de
Vagos.

JUNTA DE REPARTIDORES

A Junta de repartidores da
contribuição industrial d'este con-
celho que ha-de funcionar, no
corrente anno, é composta dos
seguintes cidadãos:

— Presidente: Affonso José
Ma tins. Vice-Presidente: José
Maria Pereira dos Santos. Vogaes

effectivos: Augusto da Costa e Pinho, e Francisco Maria d'Oliveira Ramos. Vogaes supplentes: Abilio José da Silva e José Maria Rodrigues da Silva.

Para a Guiné

Partiu para a Guiné o nosso conterraneo e bom amigo Belmiro Duarte da Silva, distincto e valeroso official do exercito ultramarino.

Desejamos-lhe feliz viagem, e que, em breve, regresse á sua terra natal de perfeita saude.

JUNTA DE MATRIZES

Eis a lista dos cavalheiros de que se compõe a «Junta de Matrizes», d'este concelho, no anno corrente:

Vogaes effectivos: Antonio d'Oliveira Picado, Antonio dos Santos e Francisco Leite d'Andrade.

Vogaes supplentes: José d'Oliveira Picado, João Gomes Pacheco e Joaquim José Valente.

D. João da Camara

Falleceu o eminente escriptor D. João da Camara.

O ministro Pichon, da Republica franceza, na sua viagem a Madrid, será acompanhado dos seus collegas Clemenceau e Picquart.

Por essa occasião os tres ministros visitarão varias cidades hespanholas.

DIVERSÃO

No proximo domiugo, no lugar de S. Donato, realizar-se-ha, de tarde, junto á capella, um bazar das prendas offercidas ao Menino Deus, tocando a «Philharmonica dos Bombeiros Voluntarios», d'esta villa.

Dia de Reis

E' hoje vespera do dia de Reis, devendo apparecer por essas ruas de Christo algumas *troupes*, colhendo garrafas de vinho, caso não seja isto anterior e superiormente prohibido.

Deixem a canalha expandir em paz e socêgo, porque... já o diabo não quiz nada com ella...

PREVENÇÃO

Rogamos a quem compete ou a quem tiver interesse, que tape ou mande tapar todos os poços que existem no bairro da Arruelia e suas immediações, para evitar um suicidio prometido, originado pela nomeação do conservador d'esta comarca.

Não ha muita urgencia n'estas medidas preventivas, porque a agua, na epocha que atravessamos, ainda está muito fria.

E é possível, senão certo, que a mania passe para o tempo das aguas quentes.

Levantou ferro de Wellington, em direcção a Nova Zelandia, o navio «Nemrod», commandado pelo explorador ditelto, que vae com rumo ás regiões polares do sul.

A partida do navio houve entusiastica manifestação.

CONSERVADOR

Tomou posse, no dia 30 de dezembro findo, do lugar de conservador, d'esta comarca, o snr. dr. José Antonio d'Almeida.

Lista dos jurados sorteados no dia 1 de janeiro de 1908 e que tem de servir no primeiro semestre do corrente anno para julgarem os crimes communs.

N.º	NOMES	RUAS OU LOGARES	FREGUEZIAS
1	Manoel Fernandes Teixeira.....	Santo Antonio	Ovar
2	Manoel Ferreira Dias	Largo da Poça.....	»
3	Dr. Gonçalo Huet de Bacellar Sotomaior Pinto Guedes	Outeiro.....	»
4	Manoel Pinto Rodrigues.....	Paço	Esmoriz
5	Manoel Joaquim Rodrigues Baldaia Zagallo	Outeiro	Ovar
6	Francisco Ferreira Coelho.....	Rua das Ribas	»
7	Delfim José de Souza Lamy	Largo do Chafariz	»
8	José d'Oliveira Picado.....	Guilhovae	»
9	Manoel Pinto Romeira.....	Castanheiros	Esmoriz
10	Manoel Ferreira da Costa	Quintans	»
11	Manoel Gomes da Silva Bonifacio	Rua da Praça	Ovar
12	Manoel Rodrigues Valente Lopes	Outeiro.....	»
13	Isaac Julio Fonseca da Silveira..	Rua da Graça	»
14	Manoel José d'Assumpção	Guilhovae	»
15	Manoel Dias de Carvalho	Largo do Chafariz	»
16	Manoel Dias de Pinho.....	Pereira.....	São Vicente
17	Jeronimo Pereira Carvalho	Lavradores.....	Ovar
18	Ernesto Augusto Zagallo de Lima	Rua da Praça	»
19	Francisco Domingues Monteiro ..	Gondezende	Esmoriz
20	José Maria de Pinho Valente ..	Rua da Graça	Ovar
21	Antonio Pereira de Pinho Junior .	Villar	Vallega
22	Antonio da Silva Brandão.....	Martyr	Ovar
23	Francisco Correia Dias.....	Rua do Loureiro.....	»
24	Lino Pereira Leça	Mathozinhos	Esmoriz
25	Manoel Joaquim da Fonseca Guerra	Rossadas de Espinho	Vallega
26	Manoel Rodrigues Pereira.....	Castanheiro	Arada
27	Manoel Rodrigues da Graça	Campos	Ovar
28	José Maria d'Oliveira Picado	Cadaval	Vallega
29	Francisco Leite d'Andrade	Cimo de Villa.....	Ovar
30	Francisco d'Oliveira Lopes	Cadaval	Vallega
31	João Marques Coutinho	Cantinho	Cortegaça
32	Manoel Marques d'Oliveira Cardoso	Estrada	»
33	Antonio Alves Correia	Carvalho.....	Maceda
34	João Carlos da Silveira Pinto Camello	Espinho	Vallega
35	Antonio Duarte Pereira Sébe	São Donato.....	Ovar
36	Antonio Ferreira Marcellino	Rua da Fonte.....	»

Cagaço

Consta-nos que, em virtude do grande cagaço, que a Comissão Municipal administrativa, forças policial e militar tiveram, no dia 2 do corrente, ao vêr a quantidade de progressistas agglomerados em frente dos Paços do concelho a despeza com a limpeza das salas d'este edificio e das roupas d'essa pobre gente já sobe a dezenas de milhares de mil reis.

Chamamos, a proposito, a attenção do snr. Sub-Delegado de saude para dar immediatas providencias, a fim de fazer desaparecer, quanto antes, um cheiro insupportavel, pestilento, que, desde aquelle dia em vez de desaparecer, parece que, cada vez augmenta mais.

Não sabemos a proveniencia de tal férito, mas, pelo que se conta, deve ser a mesma que deu origem á phenomenal despeza com a limpeza das salas e das roupas.

Havia alli menino que já não fazia ha mais de quinze dias, não obstante o uso diario de sal ama go e oleo de ricino; mas, finalmente, por Graça de Deus, só o cagaço houve por bem fazer resolver a natureza...

NOVA BARBEARIA

Abriu no dia 1 do corrente, o seu estabelecimento de barbearia, no largo da Praça, o nosso sympathico amigo snr. João José Tavares.

O novo estabelecimento achase montado com aceio, decencia e limpeza excepcionaes, e, com respeito a barbas, não tenha o publico duvidas, porque o nosso amigo fal-as bem feitas...

Tem graça

Na manhã de sexta-feira, o secretario da camara, depois de abrir a secretaria, com surpresa sua, verificou que lhe faltava o livro da copia das actas e aonde de vespera, tinha sido lavrado o

auto de posse da commissão municipal.

Afflicto, como é natural, chamou os seus subordinados para testemunharem a subtracção feita, pois elles bem sabiam que lá havia ficado no dia anterior o livro desaparecido.

Passaram em seguida a examinar todas as portas e não encontraram vestigios de arrombamento, pelo que concluíram, e bem, que o crime havia sido cometido por meio de chave falsa.

Immediatamente se communicou o facto á aucto idade administrativa, que, de visu, quiz ir verificar o desaparecimento.

N'esta altura, gritou o official da camara, encarregado da limpeza, «que tinha apparecido o livro.»

Correm todos pressurosos, incluindo o administrador, e, effectivamente, na sala das sessões da camara, na bancada dos vereadores, e em frente á cadeira presidencial, lá estava o livro procurado, aberto no sitio do auto da posse, e, por sobre este, uma pyramide regular, e bem feita de materia fecal, indicando que tinha sahido directamente do orificio do dispositivo para a folha do livro. Quem seria o Ratão.

Visita

No passado dia 2, tivemos a honra de ser visitados por forças de infantaria 18, de cavallaria 7, de cavallaria municipal do Porto, e de policia de Lisboa e de Aveiro.

Estranhámos que não viesse artilheria, engenharia, e algum barco de guerra.

Tudo isto se deve ao glorioso S. João Franco. Havemos de fazer-lhe uma festa condigna. Olé se havemos.

Aos srs. juizes e escriptaes de paz—Está no prélo e brevemente será posto á venda o Manual dos Juizes e Escrivães de Paz—Formulario geral do processo na 1.ª instancia, contendo mo-

delos para todos os autos e termos, sentenças e despachos, etc. etc, tudo conforme com a legislação vigente e em especial com os ultimos decretos dictatoriaes.

1 vol. Preço 500 réis. Pedidos a Manuel Lucas Torres. Rua Diario de Noticias,—93—Lisboa.

SUMARIO DO N.º 252

DA

Encyclopedia das Famílias

«Historia dos Estados Unidos da America.»

«Poesia.»

«Variedades:» O que experimenta quem viaja em balão.

«Lendas:» As lendas sicilianas.

«Factos historicos:» Morte de Miguel de Vasconcellos (com gravura.)

«Actualidades:» A victoria da alchimia—A fabricação das pedras preciosas—Os prodigios operados pelo radio.

«Contos e novellas:» As três velhinhas (com gravura.)

«Biographia antiga:» Guido Reni, pintor celebre

«Revista scientifica:» Machina de resuscitar—Como seria possível aquer o polo.

«Galeria militar:» Major Roçadas (com gravura.)

«Antigualhas:» O titulo de conde.

«Conhecimentos uteis:» Os pulmões (com gravura)

«A ribeira de Santarem:» (com gravura.)

«Thesouro do nest co:» Betume para concertar loiça—Branquear o algodão com agua oxygenada—Pano incombustivel—Nova tinta—Como se passa mas gravuras para papel branco—Processo de nikelar—Tinta para papel assetinado—Como se limpam os oculos—O assucar como desinfectante.

«Mosaico.» Como se morre—Carestia do cobre—Substancias mineiras—Nevoas fuminosas—Os vioinos os Saxonias—As pressões atmosphericas e os automoveis—As forças das nossas mandibulas—A vida das rosas—As mariposas—A maior corda do mundo—Os trel ys dos electricos—A naturalidade da rainha de Hespanha.

«Usos e costumes:» A festa do Natal (com gravuras).

«Culinaria» Salada moscovita—Bitter de Cervejo—Padim de peixe—Crème de chá—Filetes de porco com pu é—Ovos com leite—Bolos de freira—Bacalhau á japoneza—Aipo em creme—Caldo com ovos á italiana—Cabeça de vitella recheada—Enpadas de presento ralado.

«Sala de jantar de Eduardo VII (com gravura).»

«Notas a lapis.» «Anecdotas: Um aencdota de Maria Sass.

«Secção recreativa.» «Predicções astrologicas» O que as pessoas podem ser, consoante o seu nascimento.

«Indice geral do 21.º volume da Encyclopedia das Familias.»

D'esta Revista continua saindo regularmente um bello numero mensal de 80 paginas, profusamente illustrado, impresso em optimo papel e composto em typo completamente novo, formando no fim do anno um importante volume de 960 paginas pela modica quantia de 800 réis.

Annuncio

Diz Manoel Joaquim da Silva, da Peneda, d'Avanca, que que é senhor e possuidor d'uma armação funebre, composta de eça de talha dourada e seus accessorios, propria para funeraes, cuja armação foi de Manoel da Silva Henriques, de Vallega, que aluga para Avanca por 100000 reis e para Vallega por 85000 reis.

Esta armação pode ser procurada, em Vallega, em casa de Antonio Joaquim da Silva, das Fontainhas.

AGRADECIMENTO

Os abaixo assignados vêm' por este meio, agradecer a todas as pessoas que se dignaram honral-os com a sua presença, confortando-os na dôr que soffreram pelo fallecimento de sua sempre chorada filha Rosa.

Penhoradissimos, pois, protestam a todos o mais profundo reconhecimento e eterna gratidão.

Ovar, 22 de Dezembro de 1907.

Francisco José Pereira Arrôta
Rosa Gomes da Silva
Francisco Pereira Arrôta (ausente)
Antonio Pereira Arrôta
Gracia Gomes da Silva
Amelia Gomes da Silva

A Estação.

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:

24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambracia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200... les pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'ess. publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON—Porto. Principio no dia 1.º de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:
Um anno 4800
Ses mezes 2800
Numero avulso 800



ADEGA DO LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Vae o anno terminando,
E não sei porque razões,
Não nos vaes tu convidando,
Pra provar dos teus RIJÕES!..

D'esse puro vinho novo,
Quer maduro, ou quer VERDASCO,
Que tu das a todo o povo,
Qu'è freguez lá do teu TASCO,
Virei cheio como um ovo!..

Mas ficamos escamados,
Se por obra do demonio,
ELLES sahem tão salgados,
(Oh meu caro amiho Antonio!..)
Como os outros... atrazados.

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especia

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



O GABÃO ELEGANTE

DE
AVEIRO

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na ALFAIATERIA DA MODA

de ABEL GUEDES DE PINHO

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48

— OVAR —

Afaiate natura da cidade de Aveiro, veio estabelecer-se em Ovar para poder fazer os Verdadeiros, antigos e elegantes GABÕES ou VARINOS AVEIRENSES mais baratos 2\$000 reis qual-quer outra casa AVEIRENSE.

E' elle o proprio, artista no genero, quem com toda a perfeição e esmero molha e corta todas as fazendas e não eintrega a alfaiates desconhecidos ao seu estabelecimento, como fazem todos os mercadores que trazem annuciado o GABÃO AVEIRENSE.

Lembra V. Ex.ª que não se illudam com esses reclamista, sem consciencia do que annun-ciam, porque alguns até mandam fazer esses gabões a costureiras para os expor á venda no seu es-tabelecimento.

Eu responsabilizo-me pelo seu bom acabamento, para o que teaho pessoal competente-mente habitado, mas se por qualquer motivo o freguez não ficar satisfeito, torna-o a receber sem inemnisação alguma. Todo o gabão elva a marca da casa para evitar enganar.

Tambem os faz a prestações s manaes de 500 reis.

Toma a responsabilidade por toda e qualquer obra sahida e execu-tada no seu estabelecimento tanto para homem como para creança. Forne-cem-se amostras de burel e todas as fazendas proprias para os mesmos GABÕES.

Preços varios em tamanhos e qualidades,

OFFICINA E ESTABELECIMENTO DE CALÇADO

VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encar-regando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modici-dade de preços, toda a encommen-ãa de qualquer obra concernente d sua profissão.

— Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encom-mendas, o proprietario virá tam-bem a esta villa, a caza dos fre-guezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

EXTRACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270-PORTO

Edições d'esta casa

Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa)	200
Verdadeira significação dos sonhos	60
Rie das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal	60
O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado	60
A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões	60
Historia dos dois compadres	60
Historia do Cura e Sacristão	60
Historia de Roberto do Diabo (verso)	60
Historia da Donzella Theodora (verso)	60
Historia do Barba Azul	60
Serenatas ao luar	60
Livro de S. Cypriano	200
A arte de namorar (prosa)	60
A Musa dos Namorados (verso)	60
Gato de Botas	60
Gata Borracheira	60
Um abbade em calças pardas	60
As botas de sete leguas	60
Historia do Feiticeiro de Bronze	60
Historia da Massaroca d'Anastacio	60
Historia de Bernabé Pisa Mansinho	60
Historia da Princeza Clotilde	60
O abbade da Ramaladeira	60
Os amores de Laurinha	60
O Jardim Infernal	60
João de Calais (verso)	60
A Mariquinhas padeira	60
Carlos Magno (versos)	60
A Burrinha magica	60
A B C dos namorados	60
Princesa Magalona (verso)	60
Imperatriz Porcina (verso)	60
Bertoldinho (verso)	60
A formozza Mathildinha	60
Historia da encantadora Mercedes	60